

FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UM LUGAR PARA A DIDÁTICA DA HISTÓRIA

Katia Maria Abud

Universidade de São Paulo (USP)

E-mail: kmabud@gmail.com

Resumo

O artigo reflete sobre o campo do Ensino de História, analisando conceitos e abordagens que o fundamentam, a exemplo de Consciência Histórica, Pensamento Histórico e Didática da História. Ao reconhecer que o conhecimento histórico circula em diferentes espaços, questiona-se os modelos de ensino baseados na transmissão de saberes escolares, fomentando a necessidade de metodologias que, de fato, promovam a formação da consciência histórica dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino de História. Didática da História. Consciência Histórica.

HISTORICAL CONSCIOUSNESS FORMATION: A PLACE FOR DIDACTIC OF HISTORY

Abstract

The article reflects on the field of History Teaching, analyzing concepts and approaches that underlie it, such as Historical Consciousness, Historical Thinking and Didactics of History. By recognizing that historical knowledge circulates in different spaces, teaching models based on the transmission of school knowledge are questioned, fostering the need for methodologies that, in fact, promote the formation of students' historical consciousness.

Keywords: History Teaching. Didactics of History. Historical Consciousness.

O conhecimento histórico não se constrói exclusivamente nos bancos escolares. Telenovelas de época, filmes, minisséries de conotação histórica, revistas especializadas, programas de rádio que aludem à memória histórica, jornais e sites da internet são exemplos de como a pluralidade de informações históricas adentra o cotidiano das pessoas, ligando-as diretamente a um contexto global. O cotidiano local das pessoas também é revestido de alusões à História. As velhas gerações transmitem seu conhecimento histórico às novas gerações dentro das famílias e em grupos ou instituições de caráter religioso, político e social.

É nas atividades de ensino e nas instituições escolares que a História encontra sua maior possibilidade de divulgação e por onde a maior parte da população toma conhecimento dos processos históricos. Por isso, História, como disciplina escolar, vem ocupando um largo campo de discussão entre historiadores, professores e estudantes de História, ao atingir como objeto de estudos o conhecimento histórico em todas as suas formas de transmissão/construção. Ele tem ocupado espaços e, como tema de pesquisa, tem apresentado propostas e análises, que se encarregam de difundir as novas ideias e concepções sobre a disciplina no contexto escolar.

A aprendizagem de História é o desenvolvimento de um conjunto de operações cognitivas que são mobilizadas durante uma investigação histórica. O resultado dessa aprendizagem é uma explicação que evidencia um desenvolvimento de consciência histórica, um pensamento histórico comunicada na maior parte das vezes por meio de uma narrativa histórica. Seu principal objetivo é a formação cognitiva, que ocorre em espaços diversos. Neste artigo será privilegiada a História escolar, que se desvenda nas atividades de ensino.

Em torno da História giram os conhecimentos que nos permitem perceber o pertencimento ao tempo e ao local onde vivemos. Das concepções históricas com as quais travamos conhecimento na escola derivarão, as concepções que nos levarão a atitudes e comprometermos (ou ao descompromisso) em relação às transformações do mundo em que vivemos.

No ensino regular, onde se encontram os estudantes de diferentes níveis, as salas de aula tem sido um campo de batalha privilegiado para colocação de problemas que envolvem o ensino de História. Essas operações podem ser mediadas tanto por fontes históricas (como no caso dos historiadores) ou por um texto histórico elaborado pelo professor. Nelas, o professor coloca em prática aquilo que lhe foi ensinado como didática, desde portar-se em sala de aula a preparar

seu material didático, incluindo a voz durante as aulas, a gestualidade, a postura corporal até as operações mentais que são postas em prática ao exercer seu trabalho.

Nas grades curriculares dos cursos de formação de professores, a Didática é ainda considerada uma disciplina geral, que se refere ao tratamento e organização de todas as disciplinas escolares. Dessa forma continua ocupando espaços e, muitas vezes, centralizando o currículo dos cursos de formação de professores, ao colocar em prática atitudes diretivas e desconsiderar as diferenças de método de construção das ciências de referência. Ao se esforçar por sugerir, orientar, formar ela vem sendo considerada também o estudo dos procedimentos e processos de ensino e aprendizagem que analisa, reflete e, como projeto científico que é, seleciona suas referências teóricas, seus modelos de interpretação e por isso se distancia das prescrições e afirmações diretivas. É considerada o lócus onde podem se desenvolver o conjunto de operações cognitivas que são mobilizadas durante uma investigação histórica.

A didática estabelecia as regras para o uso do quadro negro e as da redação de esquemas ditos pedagógicos. E, é bom lembrar, tais regras serviam para todas as disciplinas escolares, pois considerava-se que todas tinham as mesmas carências e as mesmas necessidades. Relacionavam-se às questões de conteúdo, aos programas, aos objetivos, aos métodos e técnicas. Enfim, a tudo que se indagasse respeito de qualquer atividade na sala de aula caberia à Didática fornecer a resposta, de acordo com proposições simplistas já elaboradas sobre o ensino e a escola. Pobre do professor que não tivesse “didática”... Não conseguiria conter os arroubos juvenis de seus alunos e nem poderia prender-lhes a atenção para que aprendessem as lições de suas aulas. A Didática era conceituada como “arte, dependente (...) apenas do jeito e intuição do professor” (Proença, 1992, p. 31).

Considerava-se que era um tema exclusivamente relacionado ao ensino, facilitadora da aprendizagem sem vínculos com as disciplinas científicas. Na segunda metade do século XX, desenvolveram-se reflexões a respeito da Didática e de suas relações com as disciplinas escolares. Emblemática nesse sentido foi a obra de André Chervel, *L'histoire des disciplines scolaires: Réflexions sur un domaine de recherche* (1988) que introduziu a questão relativa à história das disciplinas escolares.

Os estudos de Chervel abriram portas para se compreender a importância de se estudar a história das disciplinas escolares, como objeto autônomo de pesquisa, para compreensão da criação de instituições escolares. A discussão se estendeu a professores/pesquisadores que, não só no

campo do ensino de História, passaram a pesquisar como se organizou o ensino das disciplinas escolares, desde o aparecimento da escola secundária. No final do século XVIII e início do XIX, a organização dos campos de conhecimento e das disciplinas escolares deram origem ao quadro curricular, tal como o conhecemos hoje. (Lautier, 2011).

Apoiada por uma visão do conjunto dos saberes escolares, pelas práticas dos professores e pelas teorias e práticas de aprendizagem, a didática da História tem se constituído sobre a reflexão guiada pelas outras disciplinas escolares.

A pesquisa e a produção científica sobre o ensino de História vêm ocupando um largo campo de discussão entre historiadores, professores e estudantes de História, ao atingir como objeto o conhecimento histórico em todas as suas formas, em especial o conhecimento escolar.

Na escola, as operações mentais são responsáveis pelo desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem, que ocorre de diferentes modos: podem ser aulas, palestras, utilização da tecnologia visual, elaboração e publicação de textos de qualquer tipo. Entre os meios de veiculação procura-se encontrar aquele que mais facilite a aprendizagem/transmissão/construção/reconstrução do conhecimento, levando à reflexão histórico-didática a investigar o objeto sob o ponto de vista da prática da vida real, na medida em que, no que se refere ao ensino e à aprendizagem, se preocupa com o conteúdo que é realmente transmitido, com o que podia e com o que devia ser transmitido (Bergmann, 1989/1990).

Contudo, seu objeto sempre esteve colocado em uma situação singular. Além da transmissão de conteúdos, que tradicionalmente constituem o fundamento de uma disciplina escolar, os usos públicos asseguram sua originalidade. As questões das referências, da transposição didática, das práticas sociais de referência do conhecimento ensinado aqui se colocam de outra forma. A História escolar é produto de conhecimento validado pela pesquisa universitária, de elaborações propriamente disciplinares postas em evidência pela demanda social, mas também por todos – alunos, professores, pais – um meio de conhecimento e reconhecimento. Assim as práticas sociais de referência se situam no centro da História escolar (Lautier; Allieu-Mary, 2008).

O aprendizado de História faz com que haja uma elevação da competência, que se refere à função prática das experiências históricas interpretadas e ao uso dos saberes históricos. Os saberes históricos são ordenados por modelos de interpretação. Têm a finalidade de organizar a vida prática, dando-lhe sentido, em meio aos processos temporais. Elementos históricos

específicos são os pontos de suporte. São relativos aos aspectos diacrônicos internas da vida prática, ao quadro de orientação do agir e à identidade dos sujeitos (Rüsen, 2001, p. 117).

A Didática da História reflete e/ou estabelece objetos de pesquisa que facilitam sua compreensão e, com isso, a inserção no quadro teórico, como parte do conhecimento ao qual se refere, como uma disciplina interna a elas e que, portanto, deve ser vista como disciplina científica. A Didática da História, é dirigida por interesses práticos, indaga sobre o caráter efetivo, possível e necessário de processos de ensino e aprendizagem e de processos formativos da História. É uma disciplina, entendida como um campo de conhecimento específico, que pesquisa a formação de uma consciência histórica. (Bergmann, 1989/1990).

Abre-se uma questão central do ensino de História: para desenvolver o conceito de consciência histórica, o que é ensinado e o que deveria ser ensinado, o que é realmente ensinado e o que podia e devia constar como conteúdo do ensino de História? O que o aluno realmente aprende, a partir do conteúdo que é transmitido por meio de uma reflexão histórico-didática que investiga seu objeto sob o ponto de vista da prática da vida real, deve centralizar a organização do ensino.

Por isso, sugere Bergmann (1989/1990), a Didática da História é uma disciplina científica que indaga sobre o caráter efetivo, possível e necessário de processos de ensino e aprendizagem e de processos formativos de História. A História não é uma lista de fatos e informações de passado e tampouco pode ser considerada uma reprodução realista, um modelo ou uma simulação dos fatos do passado, mas é um conjunto flexível de histórias sobre eventos e estruturas do passado que podem explicar o presente e indicar o futuro. É uma das formas de se atribuir sentido ao passado e de levantar questões sobre as perspectivas do futuro.

A Didática da História vai na direção de discutir a formação, o conteúdo e os efeitos da consciência histórica num dado contexto sócio-histórico. Ela se constituiu em torno de um objeto diverso do objeto da História. Ultrapassa a simples transmissão dos saberes, para se tornar um campo de conhecimento no qual se imbricam a História ciência e a História escolar, cada uma com os elementos que lhes são próprios. É a disciplina científica que investiga sistematicamente os processos de ensino e aprendizagem de História, isto é, os processos de formação dos indivíduos, grupos e sociedades. Estabelece-se assim, um quadro interpretativo no qual, quem o realiza, o experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal (Rüsen, 2001).

Ao tratar da Didática da História na Alemanha, Jörn Rüsen (2006) pondera que a crescente institucionalização e profissionalização da História excluiu da reflexão histórica racional as dimensões do pensamento histórico relacionadas à vida prática, esquecendo-se que a história é enraizada na vida social para orientar a vida no conceito de tempo.

O autor considera que a Didática da História pode ser reconhecida em dois momentos diferentes no tempo, como objetivos não coincidentes. Primeiramente, a Didática da História buscava responder às necessidades práticas do ensino, como instrumento para o treinamento dos professores e tinha ligação muito próxima com os métodos do ensino que seriam utilizados em sala de aula. Num segundo movimento o fazer centralizava a formação de professores, ligação esta que mantinha com a Pedagogia. Nesse fazer dos professores residia a importância da Didática da História. Para eles era ensinada e por eles aprendida pelo fazer e é por isso que, na Alemanha vem sendo chamada de metodologia da instrução em história, pois estabelece os meios práticos pelos quais se alcançam os objetivos da instrução (Rüsen, 2006).

Um outro nível, dessa vez teórico, se concentra nas condições e nos propósitos básicos do ensinar e aprender História. A Didática da História é discutida em relação àquelas disciplinas que tratam dos fenômenos de ensino e aprendizagem – por exemplo, com as Ciências Sociais que investigam as condições sociais de ensino e aprendizagem, com a Pedagogia, que investiga os propósitos, as formas e os processos da educação, e, é claro, com os estudos históricos, que investigam a História como disciplina a ser ensinada.

Fala-se da didática da educação em História, que estabelece os objetivos e as formas que a História, enquanto disciplina escolar, adquire em um dado contexto político, social, cultural e institucional. O pensamento histórico se desenvolve por meio de aprendizado e de conceitos específicos do método histórico. A Metodologia da Instrução em História estabelece os meios práticos pelos quais estes objetivos são alcançados (Rüsen, 2006).

Ensinar é um ato pessoal, uma atividade feita de tentativas e erros, refeitas incessantemente no quadro das relações pedagógicas móveis, de acordo com os alunos e as turmas. Não há métodos miraculosos, sempre é necessário experimentar, pesquisar, colocar em prática.

A Didática da História se remete a ciência de referência para propor operações cognitivas ao alcance dos alunos. Atribui-se à disciplina escolar o papel de mediadora – por assumir inalterados os conteúdos e formas produzidas pela História como ciência. A adaptação depende

da capacidade de apreensão do destinatário que não são historiadores, nem pretendem ser. Leva sistematicamente em conta a autonomia e independência disciplinares, relativas as diferenças entre o trabalho da Ciência Histórica e a atividade em sala de aula. Para Rüsen (2001, 2006), a Teoria da História e a Didática da História possuem o mesmo ponto de partida, mas se desenvolvem em direções cognitivas diferentes e com interesses diversos fundados nas operações e nos processos existenciais da consciência histórica.

Convergem nesse tema, mas o elaboram de modo distinto: a Teoria da História, que pergunta pelas chances racionais do conhecimento histórico e a Didática da História que inquirir pelas chances de aprendizado da consciência histórica. Estão ligadas, mas não são a mesma coisa. Consciência Histórica designa uma relação com o passado, com um sentido de passado que é fundamental para a experiência humana do tempo, representa um diálogo entre interpretação do passado, percepção do presente e expectativa do futuro. (Von Borries, 2014).

Ao penetrar nas camadas da sociedade, a História ensinada se torna um elemento fundamental para a formação da nacionalidade e de identidade pessoal e passa a ser o campo de batalha predileto no qual se desenvolve a análise do conceito de consciência histórica. Aproxima do que Nicole Lautier (2011) denomina *pensée historienne* (história historiadora) como um modo de pensar da cultura histórica – *culture historienne* –, um domínio específico do pensamento que faz da História mais do que um campo da cultura. Lautier define *pensée historienne* como uma crítica – *démarche critique* – caracterizada pelas ‘operações’ de periodização, controle da análise comparativa – *contrôle du raisonnement comparatif* –, controle do grau de generalização e distinção dos níveis de leitura e escritura – a imagem fixa, o filme, a caricatura, o mapa, as pinturas.

Ao ser assimilado pelos estudantes, o conhecimento construído em sala de aula conjuga pela interação aluno-professor, associa-se ao conteúdo dos materiais didáticos, participa da elaboração das representações sociais que, por sua vez, se tornam essenciais na rearticulação simbólica dos conteúdos provenientes do saber escolar. Dessa forma, arcabouço metodológico e conceitual das representações sociais possibilita empreender pesquisas e identificam conjunto de saberes influenciadores dos modos de se atribuir sentido à temporalidade, elemento essencial da consciência histórica, que permite compreender a extensão da aprendizagem histórica.

Sob tal rearticulação é possível ainda investigar um conjunto de saberes influenciadores dos modos de se atribuir sentido à temporalidade, elemento essencial da consciência histórica, e,

por fim, compreender a extensão da aprendizagem histórica. De acordo com Lautier, pode-se buscar equipamento metodológico e conceitual das representações sociais para identificar algumas representações que estruturam o mundo coletivo no qual crianças e adolescentes se desenvolvem, como examinar a existência. Tal núcleo, quando identificado, nos possibilita compreender desafios e relutâncias no desenvolvimento de um conjunto de capacidades relacionadas ao desenvolvimento do raciocínio histórico no pensamento dos alunos (Lautier, 2011, p.46).

Na mesma obra, a autora sintetiza “os modos de pensamento específicos da História” em “três atividades fundamentais”: a comparação — que abrange duas posturas complementares, a busca de explicações para o presente no passado ou o estudo do passado pelo que ele tem de particular e diferente —, a periodização — que permite estabelecer sucessões e rupturas — e a distinção entre a História e seus usos — por meio da memória ou considerando a presença da História nas obras e nos meios de comunicação. As formas de conhecimento que se desenvolvem durante o processo de aprendizagem, a partir de materiais didáticos e das exposições dos professores, de diálogos entre eles e os alunos e que são apropriados pelos alunos, realizam a mediação entre os saberes individuais e o meio social e são localizados nas formas de expressão das quais se utilizam (Lautier, 2011).

Não se constrói o pensamento histórico apenas nos bancos escolares. Memórias, relatos pessoais escritos e orais, correspondência, canções de roda, folclore, além de documentação oficial e a história escrita pelos pesquisadores compõem um conjunto que permite a compreensão da vida prática de grupos sociais e recuperam seu passado.

No entanto, a permanência de modelos do ensino tradicional como História ensinada, formas conceituais derivadas da Escola Metódica torna seu ensino uma transmissão categórica, que se pretende imparcial, de conhecimentos e fatos históricos. Essa tendência, ou melhor essa herança de organização escolar, que vem do século XIX, nos impede de incentivar os alunos a aprender a pensar historicamente, ou seja, desenvolver suas próprias interpretações do passado fazendo uso das práticas e mentalidades específicas da disciplina histórica.

Para dar sentido a esse passado, há que ordenar os conhecimentos de fatos históricos, entendidos como o acontecimento no nível mais superficial, com a utilização de conceitos-chave da própria disciplina histórica. Os conceitos-chave são aqueles que se referem ao conteúdo ou à substância da história. São os conceitos de primeira ordem, cujo significado tem

primordial importância na estrutura conceitual da disciplina. Incluem-se nesta categoria expressões como Estado, poder, governo, sociedade, classes sociais, trabalho, economia entre tantas outras que são bases para a análise histórica. A compreensão substantiva da História também envolve conceitos-chave de outra natureza, tais como tempo, evidência, causa, mudança, empatia entre outros, os quais são provenientes do modo como os historiadores constroem sua disciplina e a maneira pela qual estes intelectuais organizam e dão sentido ao conhecimento histórico em suas pesquisas (Lee, 2005, p. 31-77.).

A consciência histórica tem um sentido moral e ético, um sentido humanista, que se revela no modo como ela leva os indivíduos à compreensão do seu lugar no mundo. Juntamente com outras formas de produção intelectual (como a Literatura), a História é um instrumento para a identificação e compartilhamento dos valores reservados pela sociedade. Tomar a consciência histórica como conceito primordial para a compreensão da sociedade gera um tipo de entendimento, que tem como objeto não somente a pesquisa dos restos materiais do passado, mas também a representação da dimensão ética. A consciência crítica guarda importante relação com a mudança que é elemento rompedor da experiência em direção a um novo horizonte de expectativa. Tal potencialidade revela-nos uma maneira especial de raciocínio histórico e, portanto, é merecedora de um nível próprio de compreensão do tempo e da mudança nos processos de aprendizagem da formação histórica escolar.

Referências

- BERGMANN, Klaus. A História na reflexão didática. **Rev. Bras. de Hist.** São Paulo: v. 9 n. 19, p. 29-42, set.89/fev.90. Trad. Augustin Wernet.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n. 2, p.177-229, 1990.
- LAUTIER, Nicole. Os saberes históricos em situação escolar: circulação, transformação e adaptação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 39-58, jan./abr. 2011.
- LAUTIER, Nicole; ALLIEU-MARY, Nicole. La didactique de l’histoire. **Revue Française de Pédagogie**, 162, janvier-mars, 2008.

LEE, Peter. J. Putting principles into practice: understanding history. In: BRANSFORD, J. D.; DONOVAN, M. S. (Ed.) **How Students Learn: History, Math and Science in the Classroom**. Washington, DC: National Academy Press, 2005, p. 31-77.

MATTOZZI, Ivo. A História Ensinada: Educação Cívica, Educação Social ou Formação Cognitiva? **Actas de Encontros Açores, Braga e Madeira**. Associação de Professores de História, v. 23, n. 51, 1998.

POPA, Nathalie. A consciência histórica e a didática da história no Canadá. **Revista História Hoje**, v. 10, n. 20, p. 178-202, 2021.

PROENÇA, Maria Cândida. **Didáctica da História**. Lisboa: Universidade Aberta, 1992.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica** – Teoria da história I: fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 2001.

RÜSEN, J. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 07-16, jul./dez. 2006.

VON BORRIES, Bodo. Young People and their historical consciousness. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 9, n. 21, p. 33-66 jan./abr. 2014.

Recebido em 08 – 06 - 2023

Aprovado em 13 – 08 - 2023